



ÁREA TEMÁTICA: Teoria e metodologia (Grupo de trabalho metodologias qualitativas)

“Questões e desafios em torno de uma experiência de pesquisa junto de grupos minoritários migrantes e não migrantes”

MENDES, Maria Manuela

Doutoramento em Sociologia

FA-UTL

mamendes@fa.utl.pt

Resumo

Esta reflexão tem por base uma experiência de pesquisa de carácter concreto em que se estudou as representações dos ciganos portugueses e dos imigrantes russos e ucranianos sobre práticas discriminatórias no contexto da sociedade portuguesa. Trata-se de um estudo de carácter qualitativo em que se confere um lugar de centralidade à entrevista em profundidade realizada aos ciganos e aos imigrantes (74 entrevistas entre meados de 2003 e finais de 2004) a residir na Área Metropolitana de Lisboa. Entre outras questões, é nosso objectivo primordial questionar a importância das circunstâncias de pesquisa, das funções de investigação e das questões teóricas que por vezes condicionam a escolha de determinadas estratégias metodológicas. Também se procurará evidenciar e debater alguns dos dilemas éticos, epistemológicos e técnico-metodológicos que o investigador foi encontrando e dirimindo ao longo do trabalho de terreno.

Palavras-chave: metodologias qualitativas; investigação; técnicas de pesquisa; ética sociológica; diferença cultural





1. Questões em torno do objecto de estudo

Aqui daremos conta de um estudo em que se analisou as representações sociais e os processos identitários construídos por grupos étnicos e imigrantes, associados a situações relacionais de carácter intercultural e inter étnico situadas em contextos percebidos como discriminatórios - a nosso ver, é no quadro da *interacção* que devem ser conceptualizadas e captadas as representações face à discriminação. Nesse sentido, interessou-nos perceber os eventos percebidos como discriminatórios, quais as motivações e os efeitos, assim como os contextos de ocorrência. É assim defensável, na nossa óptica, uma perspectiva dinâmica, interaccionista e relacional. A identidade étnica e nacional são construídas de forma permanente e numa relação dialéctica entre uns e Outros, em que os indivíduos mobilizam referenciais, símbolos e marcadores identitários. Seguindo de perto uma linha de pensamento tributária de Simmel, pensamos que a percepção das diferenciações entre sujeitos é algo de inerente à interacção. O carácter relacional entre os Nós e os Outros traduz-se em aproximações, similitudes, mas também em oposições e distanciamentos. São categorias excludentes, embora relacionais, sendo pertinente retomar aqui a contribuição de Poutignat e Streiff-Fenart (1995), segundo a qual a identidade (étnica) resulta de um conjunto de representações que os grupos interactuantes constroem quando se confrontam entre si. As avaliações, quer as reciprocamente construídas por uns e por Outros, quer as efectuadas em relação ao próprio grupo de pertença, nem sempre coincidem entre si.

Posicionamo-nos numa perspectiva atenta aos aspectos dinâmicos e relacionais, considerando a identidade étnica e nacional como um processo de construção e reconstrução de categorias de pertença e de diferença. Ou seja, a construção da identidade é um processo relacional, carregado de simbolismo, implicando um processo de identificação; identidades sociais que se constroem por integração e por diferenciação, com e contra, por inclusão e por exclusão. Não é possível esquecer que as fronteiras das identidades étnicas e nacionais são fluidas e dinâmicas, sendo negociadas, actualizadas e reactualizadas no espaço transaccional e em situação de interacção quer entre membros do grupo, quer entre não membros. As identidades resultam de constantes processos de negociação colectiva.

Nesta análise não constituíu nosso intento proceder à inventariação das características objectivas e hipoteticamente “exóticas” que marcam e distinguem um grupo, como os ciganos ou ainda os imigrantes russos e ucranianos, quando em contacto com outras e diferentes culturas. Interessou-nos, antes, dar conta do sentido, da apropriação e da (re)interpretação das componentes que supostamente fazem parte da sua identidade étnica e que são sobrevalorizadas por demarcação face à sociedade dominante e a outros “dominados”. Deste modo, foi de interesse fulcral a tentativa de se perceber a sua consciencialização quanto à partilha de um património cultural peculiar e distinto, bem como avaliar o sentido e a reinterpretção que fazem sobre a sua cultura.

Assim sendo, neste quadro analítico e perante os resultados parcelares e insuficientes das pesquisas aqui apresentados, e, face aos “vazios” de conhecimento detectados, procurou-se abordar as diferentes maneiras como ciganos e imigrantes russos e ucranianos se auto-representam e como pensam que os Outros os representam. Qual a importância destas representações nos seus comportamentos quando interagem com indivíduos com pertença à “maioria”?

Entre outras questões, procurou-se respostas para as seguintes: que atributos são invocados na auto representação do *Eu* e na hetero representação do *Outro*? Que *rótulos* e designações são mais apropriados a si próprios, aos semelhantes e aos diferentes?

Partiu-se do pressuposto de que a identidade pode ser assumida como um conjunto estruturado de elementos identitários que permite, por um lado, que o indivíduo se auto e hetero defina numa situação de



interacção, e, por outro, que aja enquanto actor social. De facto, é na relação com o outro que o *self* se elabora. O que é “ser cigano”? E o que é “ser imigrante de leste”? Ser cigano, ser imigrante de leste é sobretudo uma construção social, feita pelos próprios e pela sociedade dominante, não é apenas uma opção.

Nesta pesquisa interessou-nos desvendar os critérios e atributos contrastantes (a cor da pele, a nacionalidade, a religião, a língua, a forma de organização social intragrupo, etc.) que favorecem a identificação, a diferenciação e a discriminação quer por parte da maioria, quer ainda nas relações inter e intra grupo (heterogeneidades internas). Tendencialmente, a classificação do *Nós* e dos *Outros* baseia-se na combinação de diferentes critérios de diferenciação. De uma forma geral, nos estudos sobre os “Outros” atenta-se em particular às dissemelhanças. E em particular, nos estudos ciganos é comum o enfoque nas descontinuidades entre “Eles” e “Nós”. Tende-se a acentuar as diferenças, até porque, e de uma forma geral, os investigadores não são ciganos. Não foi nosso objectivo caracterizar comportamentos e traços culturais e considerá-los como aspectos que tipificam uma dada população ou grupo social. Fazer isso é fixar e reificar esses grupos. Ser cigano ou imigrante de leste é algo de performativo, na medida em que é apreendido e partilhado intragrupo, mas também no contacto e confronto com os “Outros”. Os processos de auto-classificação servem também fins estratégicos, como seja, por exemplo, manter ou até elevar os níveis de auto-estima do *ingroup*. As estratégias de defesa identitária permitem evitar, prevenir ou até desvalorizar repostas emocionais a situações e contextos que envolvam humilhação, vergonha, frustração, hostilidade, tristeza, insatisfação, nervosismo, tensão, ansiedade.

A nossa atenção focalizou-se nos discursos dos actores interrogados (grupo étnico cigano e imigrantes), os quais nos proporcionaram elementos reveladores de representações, construídas a partir das relações interpessoais com outros grupos e indivíduos, nomeadamente em situações concretas e face a face (micro-níveis), ainda que estas sejam, em certa medida, pré-determinadas pelas relações de poder que definem na ordem macro-social, o estatuto social e a identidade atribuída a uns e outros. Atentou-se, ainda, no modo *como as suas trajectórias de vida condicionam a forma como se relacionam com a maioria (a nível macro e micro)*.

Reflectindo, ainda que sem pretensões de exaustividade, nas designações constituídas e impostas ao investigador e aos próprios designados, no caso dos “*imigrantes de Leste*”, o critério de classificação centra-se essencialmente na sua região de origem, designação demasiado simplificada e que deixa na penumbra a heterogeneidade nacional, geográfica, linguística, religiosa e étnica dos indivíduos que são agregados nesta categoria.

Quando se fala, hoje em dia, em imigração e nomeadamente dos países da Europa de leste, o que está em questão não é tanto o fenómeno imigração, mas a suposta pertença a alguns países ou áreas geográficas, mais ou menos explicitamente invocadas. Em relação a este grupo, o termo raça é pouco ou nada utilizado; invoca-se a região de origem e eventualmente, de forma residual, algumas características físicas e culturais.

Para o cidadão comum, a classificação de indivíduos e grupos como *ciganos* reflecte ora a sua pertença étnica, ora rácica ou até nacional. Nos discursos do senso comum produzidos por alguns ciganos e essencialmente pelos *Outros*, os ciganos aparecem representados como “estrangeiros” e como “não portugueses”, estranhos e “sem pátria”, dada a sua especificidade cultural e o facto de as suas origens geográfico-culturais serem outras (Lopez e Fresnillo, 1995; Mendes, 1997; Santamaría, 2002).ⁱ Nesta pesquisa não nos interessaram tanto as designações em si, mas sobretudo as representações que subjazem ao uso das designações socialmente constituídas e que atribuem determinados significados às denominações ciganos e “imigrantes de Leste”. O nosso olhar centrou-se nas representações dos “dominados”, nomeadamente nas formas, nas estratégias e nas práticas de nomeação. Neste campoⁱⁱ em que as relações de força são desiguais há lutas, e, há um *enjeu* de interesses e um jogo em que os agentes se envolvem.



Ainda que esta análise se tenha centrado, em grande medida, numa dimensão representacional, não foram esquecidas as emoções, bem como as atitudes e os comportamentos. Não se dissociando das representações, as emoções vão dar cor às experiências dos indivíduos, influenciando os seus processos cognitivos (Benjafield, 1996, p. 362). Neste estudo, as emoções foram captadas através das narrativas dos sujeitos, solicitados a falar daquelas emoções que sentiram em situações e contextos de discriminação.

A análise das interações minorias-maioria foi contextualizada num cenário em que a presença de grupos com múltiplas e complexas identidades (nacionais, religiosas, linguísticas, ráticas, etc.) se associa, por vezes, a manifestações de hostilidade e de rejeição face à diferença. Igualmente importante foi proceder à identificação de *contextos e situações de discriminação, agentes perpetradores e motivações*, situando-nos na óptica das “vítimas”. A este propósito, procurou-se determinar representações construídas e *emoções* experienciadas pelos grupos empíricos em tais contextos e situações. Intentou-se ainda perceber de que modo as emoções vivenciadas e as representações construídas afectam os comportamentos em situações e contextos de discriminação. Essas manifestações conflituais podem situar-se a um nível mais cognitivo, mas podem também converter-se em práticas discriminatórias. A este propósito, e pressupondo que os indivíduos estão envolvidos em círculos de inclusão e exclusão, examinamos com mais pormenor as principais esferas em que se efectiva a discriminação.

A linguagem e o discurso são duas das principais mediações através das quais se opera a transmissão das representações sociais. Perante esta condicionante, privilegiámos, como material de análise, os depoimentos recolhidos por via da realização de entrevistas em profundidade a indivíduos com pertença ao grupo cigano e aos imigrantes russos e ucranianos. O discurso resulta não só da competência do locutor e do mercado de produção e circulação, mas, sobretudo, das condições sociais de comunicação e de recepção (Bourdieu, 1984). A expressão linguística e o discurso do sujeito resultam da posição do indivíduo no mercado linguístico e também do *habitus* linguístico. Para Bourdieu (1984, p. 123), o *habitus* linguístico não é uma mera produção de discurso, mas sim um produto de condições sociais que deverá ajustar-se a uma situação, a um mercado ou a um campo. Neste sentido, e seguindo a lógica argumentativa bourdiana toda a interacção linguística é uma espécie de micro-mercado ao qual subjazem relações de força, sendo dominado por estruturas globais (Bourdieu, 1984, p. 124).

2. Abordagem técnico-metodológica

Razões de uma escolha

Nesta pesquisa utilizou-se uma estratégia metodológica de investigação marcada por um certo pluralismo e flexibilidade, em que se procurámos usar as técnicas mais ajustadas a cada nível e momento de análise. Inscreve-se, assim, na tradição de pesquisa conhecida como construtivismo, em que o principal objectivo passa por dar conta das múltiplas realidades construídas através de uma investigação participada (investigador e sujeitos participantes), a partir da qual se procura aceder aos significados e interpretações construídas pelos sujeitos. A natureza social e dialógica da investigação constituem uma das ideias centrais do paradigma construtivista; atentando-se não só aos processos de construção social accionados pelos actores sociais, mas também às construções protagonizadas pelo investigador (Del Rincón Igea et al., 1995, p. 25). Daqui decorre a importância estratégica que assume a interacção, nomeadamente entre investigador e sujeitos, no caso concreto, aqueles que participam na pesquisa. Outras virtualidades são reconhecidas e podem ser apontadas, entre as quais se destaca a possibilidade de mobilizar uma ampla variedade de técnicas de recolha de informação, e daí também o volume, densidade e riqueza do material de pesquisa que pode ser recolhido; acresce ainda o facto de tais técnicas proporcionarem um contacto próximo com os sujeitos em estudo, possibilitando a construção de um “olhar” mais atento e profundo relativamente aos processos e dinâmismos sociais. Esta estratégia teórico-metodológica permitiu, assim, uma mais



adequada apropriação do objecto, dos objectivos, das questões em análise e, até, das características dos sujeitos estudados.

Neste contexto interessou ao investigador o “mapa mental” e o mundo interior, socialmente construídos pelos sujeitos, competindo-lhe a interpretação do “social meaning through mapping and ‘re-presenting’ the social world of research participants.” (Ritchie and Lewis, 2004, p. 5). A estratégia técnico-metodológica mobilizada combina a metodologia qualitativa e quantitativa, convocando nos diferentes momentos, a que mais se ajustava a cada nível de análise empírica, explorando-se assim as potencialidades heurísticas de uma e outra metodologia.

Importa salientar que não há uma forma única e possível de se fazer pesquisa qualitativa, sendo até perfeitamente possível combinar o método qualitativo e o quantitativo, apesar dos fundamentos ontológicos e epistemológicos subjacentes aos dois paradigmas serem diferentes, o que até pode gerar controvérsia e ser algo de criticável. No entanto, mais do que um factor de fragilidade, a nosso ver, a combinação destina-se a um melhor ajuste, face às questões para as quais se pretende obter respostas. Subscrevemos a asserção de Snape and Spencer (in Ritchie and Lewis, (eds.), 2004, p. 19), ao dizerem que “eclecticism can be a significant strength”, já que as virtualidades de um e outro método contribuíram para uma melhor exploração e compreensão das questões, e dos objectivos de pesquisa. A sua combinação permitiu aceder a uma visão mais rica, complexa e aproximada à realidade, sendo assim de certa forma possível superar as limitações de um e outro método e explorar as suas potencialidades heurísticas.

Atendemos sobretudo ao carácter de um objecto delicado e melindroso como a discriminação, dadas as emoções e representações que suscita, e até a maior ou menor perceptibilidade e visibilidade das suas manifestações. Pretendeu-se assim, nesta pesquisa estabelecer complementaridades e *links* entre os dois métodos, até porque a bibliografia aponta várias possibilidades, assim: “qualitative research may precede statistical enquiry, may accompany statistical investigation or may be used in some form of follow up study.” (Ritchie and Lewis, 2004, p. 40). Afinal, trata-se de uma estratégia “multi-level” ou “mixed”, em que se procurou conciliar as duas perspectivas metodológicas. Um e outro tipo de método permitiram recolher uma ampla variedade e captar diferentes níveis de informação.

No célebre guia da investigação qualitativa, *Handbook of Qualitative Research*, logo na introdução, Denzin e Lincoln (2000, pp. 3-4) ressaltam que “qualitative research is an interdisciplinary, and sometimes counterdisciplinary field. It crosscuts the humanities and the social and physical sciences (...) It is multiparadigmatic in focus. Its practioners are sensitive to the value of the multimethod approach...”

A estratégia metodológica adoptada visou, em grande medida, a compreensão do fenómeno em profundidade e intensidade, bem como a identificação de variáveis importantes, que se reflectem nos processos e dinâmicas dos factos sociais, permitindo compreendê-los *on going*, o que se reflecte na valorização que se confere à metodologia qualitativa. No seu accionamento, usou-se um dos procedimentos mais característicos da metodologia qualitativa, ou seja, o cruzamento de dados e a conjugação de técnicas diversificadas.

O roteiro da pesquisa empírica

Ao nível da análise empírica, a operacionalização das técnicas processou-se em dois momentos analíticos distintos: o primeiro foi essencialmente de carácter preparatório, embora crucial, na determinação do plano de observação, através do uso da análise documental e da entrevista semi-estruturada com objectivos essencialmente exploratórios para a prossecução da pesquisa empírica. No segundo momento, a análise empírica foi orientada num sentido de um maior aprofundamento, por via da utilização de forma mais sistemática e até intensiva da técnica da entrevista. A distinção entre os dois momentos introduz a ideia de uma certa hierarquia, a qual não está apenas relacionada com as prioridades estabelecidas e relativas à



sequência entre os dois momentos de análise empírica, mas, sobretudo, com o facto de a primeira fase da análise empírica ter servido de suporte e sustentação à segunda.

Foi ainda no primeiro momento analítico que se realizaram um conjunto de entrevistas exploratórias semi-estruturadas a instituições e serviços localizados na AM de Lisboa e que intervêm directamente junto dos “grupos empíricos”. Procurámos entrevistar uma diversidade de actores sócio-institucionais, de modo a recobrir uma diversidade de contextos organizativos e de práticas de intervenção. Para aceder a tais organizações, consultámos algumas bases de dados de organismos públicos, a lista telefónica, listas de contactos e telefónicas da Internet e sites das instituições, assim como jornais e revistas (alguns produzidos por tais instituições). Na escolha dos informantes teve-se a preocupação de atender a alguns critérios, como a diversidade dos sectores de intervenção (saúde, ensino, trabalho, habitação, etc.), a escala do âmbito de intervenção (de bairro, local, regional, nacional, internacional), a existência de projectos, acções ou serviços directamente direccionados para imigrantes russos e ucranianos e/ ou ciganos, assim como a integração na organização de membros dos grupos empíricos como trabalhadores ou voluntários. Entre os actores sócio-institucionais entrevistados são de destacar, entre outros, as IPSS's (Instituições Particulares de Solidariedade Social), as Associações sindicais, as Associações patronais (como por exemplo, do sector da construção civil e obras públicas), algumas Associações de imigrantes e Associações ciganas, as Igrejas (Católica, Evangélica de Filadélfia, Greco-católica, Ortodoxa Romena), ONG's (laicas ou de orientação religiosa), uma Escola, algumas Embaixadas e Consulados, e alguns Organismos públicos (da Administração Pública Central e Local). A duração média destas entrevistas rondou os 60 minutos.

Em traços largos, o uso desta técnica permitiu obter informação sobre os principais obstáculos e dificuldades à sua acção, a sua intervenção (em termos sincrónicos e diacrónicos, realçando estrangulamentos e virtualidades), assim como a avaliação das medidas de política social e da acção de outros agentes sócio-institucionais que intervêm junto dos “imigrantes de Leste” e ciganos. Relativamente às populações-alvo, foi possível obter uma aproximação mais precisa ao seu perfil sociográfico, às suas condições de vida e às principais problemáticas, carências e dificuldades vivenciadas. Por último, estas entrevistas permitiram aceder ao universo de actuação destas organizações, o que mais tarde foi estrategicamente importante, na medida em que algumas fizeram a mediação junto de alguns membros dos grupos empíricos, por nós entrevistados, em fase posterior.

A informação recolhida nestas entrevistas, articulada com a análise documental permitiu, por um lado, aceder a um conjunto diversificado de fontes de informação e assim sustentar de modo mais sólido o modelo analítico, e por outro, dar consistência ao guião de entrevista em profundidade, aplicado no segundo momento da pesquisa empírica aos ciganos e aos imigrantes da Rússia e da Ucrânia. A utilização conjunta e em complementaridade da entrevista e da análise de documentos proporcionou processos de triangulação em que se utilizaram várias perspectivas (e procedimentos) de análise, a fim de se obter uma variedade de informação sobre a mesma realidade; posteriormente, procedeu-se a comparações e contrastes entre os diversos níveis de recolha e análise de informação. Este procedimento é designado por Del Rincón Igea (1995, p. 256) e outros autores de “triangulação” múltipla. No entanto, e lembrando o que nos dizem Denzin e Lincoln (1994, p. 2), a triangulação proporcionada pela acção combinada de métodos diferentes não é um instrumento, nem tão pouco uma estratégia de validação, mas sim uma alternativa à validação.

A entrevista em profundidade assumiu, no contexto desta pesquisa, um papel-chave, pelo que constituiu a técnica principal, que foi accionada no segundo momento da análise empírica.

Este recurso instrumental permitiu uma melhor compreensão do *Eu* e também do seu passado, visando grosso modo a apreensão de dados subjectivos (ideias, crenças, opiniões, atitudes, emoções, condutas), bem como de aspectos da realidade nem sempre directamente observáveis e até mensuráveis (Foddy, 1996), proporcionando ao investigador informação profunda e rica sobre matérias por vezes de carácter delicado, complexo e sensível.



A utilização desta técnica permitiu-nos apreender a forma como a realidade é vivida e representada pelos sujeitos, possibilitando a interpretação e compreensão de comportamentos e atitudes. Com base nos depoimentos dos entrevistados com inserção nos “grupos empíricos”, bem como nos discursos produzidos pelas instituições e organismos que intervêm directamente junto deles, foi possível aceder às suas representações sociais, ao significado que atribuem ao mundo social, sistematicamente construído e reconstruído quer pelos actores sociais, quer pelos actores sócio-institucionais. Em síntese, foi nossa intenção apreender o mundo vivenciado, sentido e experienciado pelos actores (Del Rincón et al., 1995, p. 29). Embora se baseie na situação de interacção, esta técnica não deixa de estar sujeita aos constrangimentos das estruturas sociais, que pesam no contexto de interacção (Esteves e Azevedo (eds.), s.d., p. 43); mas, na verdade, é a partir dos discursos dos sujeitos que se pode conhecer o sentido que os actores atribuem às suas práticas e aos acontecimentos de que são protagonistas.

A recolha de informação por via da técnica da entrevista pressupõe sempre um processo de negociação entre investigador e sujeito-objecto de pesquisa; é através deste que poderemos adquirir um conhecimento directo da realidade social, ainda que filtrado pelo próprio sujeito. Em fase posterior, esta informação é, por sua vez, também filtrada por instrumentos de análise.

A mobilização desta técnica proporcionou, por um lado, uma maior adaptabilidade face aos vários momentos de recolha de informação e múltiplos níveis de análise e, por outro, um processo de maior interactividade investigador-investigados; estes não foram aqui encarados como meros objectos, mas como sujeitos activos que intervêm nos fenómenos em análise ao construí-los e reconstruí-los, atribuindo-lhes sentido.

No que se refere aos métodos de análise dos dados qualitativos provenientes das entrevistas, efectuou-se uma análise temática e uma análise tipológica, através da utilização de um programa informático para tratamento de dados qualitativos, o QSR N6. Este *software* permitiu a realização célere de análises de conteúdo simples. Foi possível identificar categorias emergentes, a partir da informação disponível, mais do que impor *a priori* categorias e ideias.

Foi possível perceber a singularidade de cada caso e, ao mesmo tempo, fazer a análise cruzada dos vários casos em estudo. As descrições detalhadas e as pistas explicativas encontradas centram-se mais na compreensão contextualizada do sentido que os sujeitos conferem às suas atitudes e práticas do que na procura de causas explicativas.

No entanto, a sua principal virtualidade reside no facto de se constituir num importante instrumento de auxílio ao investigador no desenvolvimento da teoria. Segundo José Azevedo (in Esteves e Azevedo (eds.), s.d., pp. 150-1), permite que se estabeleçam conexões entre categorias, fontes e tipos de dados, que se faça uma codificação da informação mais complexa e elaborada, se desenvolvam esquemas conceptuais e se teste a sua adequação aos dados. Ou seja, permite ao investigador estabelecer a interconexão simultânea entre diferentes bases de dados que podem ser, por exemplo, diferentes tipos de material empírico - entrevistas, notas sobre as entrevistas, notas de campo, registos de observação, etc. Este tipo de *software* de análise qualitativa de dados inscreve-se em diferentes tradições dentro da análise qualitativa, sendo que uma das mais influentes é certamente a *grounded theory* desenvolvida por Glaser e Strauss^{iv} em meados dos anos 60 do século passado, e que implica “the generation of analytical categories and their dimensions, and the identification of relationships between them. The process of data collection and conceptualisation continues until categories and relationships are “saturated”, that is new data do not add to the developing theory” (Ritchie & Lewis, (eds.), 2004, p. 201). Strauss & Corbin (1990, p. 31) acrescentam que, com este procedimento o investigador pode desenvolver “a substantive theory that meets the criteria for doing “good” science: significance, theory-observation compatibility, generalizability, reproducibility, precision, rigor, and verification. While the procedures are designed to give the analytic process precision and rigor, creativity is also an important element.”



O acesso aos entrevistados: dilemas, dificuldades e cumplicidades

O recurso a mediadores institucionais, na sua maior parte contactados durante a primeira fase, permitiu obviar eventuais problemas de resistência e desconfiança manifestados principalmente pelos imigrantes a entrevistar. Ou seja, utilizámos assim procedimentos indirectos, que pressupõem a mediação de terceiros, sejam eles instituições ou indivíduos. Deveu-se a várias razões: por um lado, as dificuldades em aceder a duas populações territorialmente dispersas, o que dificulta a optimização de contactos e a aplicação de métodos de acesso como a “bola de neve”; por outro, minorar as resistências e desconfianças, maximizando-se as possibilidades de aceitação e de sucesso no acesso aos entrevistados, procedimento que não está completamente isento de problemas de neutralidade. Ainda pensámos que, após as primeiras entrevistas, principalmente aos imigrantes, o recurso ao supracitado “método bola de neve” fosse uma opção viável. Contudo, tal procedimento revelou-se impraticável, uma vez que os imigrantes russos e ucranianos invariavelmente diziam não conhecer outras pessoas, não ter amigos que pudessem responder a uma entrevista, ou, ainda, que os amigos e “conhecidos” não tinham disponibilidade para tal, porque a preocupação central da sua permanência entre nós é ter trabalho e trabalhar. A mediação através dos entrevistados raramente foi exequível, pois a concessão da entrevista só seria possível através do pagamento de alvíssaras aos potenciais entrevistados...

Uma vez que tal estratégia implicava que os indivíduos mobilizassem a sua rede de relações sociais, a não receptividade encontrada poderá indicar que as redes sociais (entre concidadãos) em que os imigrantes estão envolvidos poderiam não ser ainda suficientemente extensas e solidificadas. Foi por isso necessário recorrer a informadores-chave, de carácter institucional, posicionados em redes sociais mais vastas e formalizadas, que se encontravam em melhor posição para indicar potenciais entrevistados. Contudo, esta escolha não foi deixada ao critério das instituições, obedecendo a um conjunto de parâmetros clássicos de caracterização social, procurando-se diversificar os perfis dos potenciais entrevistados. Assim, procurámos respeitar a proporção das características sociais dominantes nas populações imigrantes evidenciadas nas fontes estatísticas, como um relativo desequilíbrio no quantitativo de imigrantes segundo a estrutura sexual, assim procurou-se garantir uma maior presença de efectivos do sexo masculino (em particular nos ucranianos, e uma maior paridade entre os efectivos de ambos os sexos nos russos e ciganos), uma distribuição entre activos com inserção em actividades económicas diversificadas, sem esquecer os não activos, a residência nos concelhos das NUT 3 da Península de Setúbal e da Grande Lisboa, e um tempo de presença em Portugal superior ou igual a 8 meses, não importando o estatuto jurídico possuído (irregular, regular com Autorização de Residência ou com Autorização de Permanência, etc.). Com excepção dos 2 últimos aspectos, todos os restantes critérios foram extensíveis aos ciganos. Tratando-se de uma amostra qualitativa, a sua dimensão prendeu-se essencialmente com a diversidade de atitudes e opiniões que fomos encontrando, uma vez que era essencial apreender e aprofundar situações diversificadas. Procurámos dispor de uma amostra diversificada, baseada na selecção de indivíduos que ilustrassem os tipos fundamentais existentes na população, tendo estes sido primeiramente identificados a partir das entrevistas institucionais, dos dados estatísticos e da bibliografia existente. De certo modo, procurou-se aliar a necessidade de captar situações e indivíduos contrastantes à exigência de obter unidades de análise para ilustrarem, de modo indicativo e expressivo, quer os protagonistas sociais, quer as situações de vida fundamentais.

Em geral, o momento de negociação da entrevista com os imigrantes russos e ucranianos, diferentemente do que aconteceu com os ciganos, foi um processo algo demorado, e só excepcionalmente foi possível entrevistar as pessoas no momento do contacto. Regra geral, o procedimento supunha o estabelecimento de um contacto prévio, por via de uma mediação de carácter institucional, e, a posteriori, através do contacto face a face ou via telemóvel, esclarecia-se quais eram os objectivos da entrevista e combinava-se a sua hora e local.

Numa fase inicial, e no caso dos ciganos, foi difícil conseguir a mediação das instituições. Numa perspectiva um pouco impressionista, pareceu-nos que muitas destas instituições, em geral, não faziam um



trabalho de grande proximidade junto da população cigana; o contacto com os entrevistados fez-se não raro, pessoalmente e “sem rede”; outras vezes foi estabelecido através de mediação institucional; quer numa, quer noutra situação, a abordagem implicou que o investigador fosse ao seu espaço residencial, onde com alguma facilidade encontrou esta população, que de um modo geral, demonstrou uma disponibilidade imediata e sem reservas para a entrevista.

No caso dos imigrantes, o acesso fez-se geralmente por via da mediação de carácter institucional, preferindo que a entrevista ocorresse num espaço mais formal e associado ao investigador (ou às instituições mediadoras), evitando o seu próprio espaço doméstico, profissional ou de lazer. A maioria das entrevistas decorreu então no gabinete de trabalho do Instituto de Ciências Sociais (ICS), ou em lugares públicos – cafés, jardins, instituições que mediarão o contacto e, muito raramente, no domicílio do sujeito. Regra geral, a entrevista realizou-se ao fim-de-semana, e nos casos em que decorreu num dia útil (ao fim da tarde e à noite), após o horário de trabalho do entrevistado. Relativamente aos ciganos, a maioria das entrevistas ocorreu na casa do entrevistado, e só raramente em cafés e outros lugares públicos; foram realizadas durante os dias de semana, e principalmente da parte de tarde. Foi necessário utilizar uma linguagem compreensível aos diferentes grupos e sujeitos entrevistados, assim como um estilo de comunicação próximo, de modo a que a entrevista decorresse num clima de confiança e empatia.

Algumas das entrevistas foram realizadas em estabelecimentos prisionais^v a indivíduos com pertença ao grupo étnico cigano e a indivíduos de nacionalidade russa e ucraniana. Fizemos um total de 34 entrevistas a imigrantes da Rússia e da Ucrânia (25 indivíduos não inseridos no sistema prisional e 9 entrevistas a imigrantes detidos) e 40 entrevistas a indivíduos com pertença ao grupo cigano (34 ciganos não inseridos no sistema prisional e 6 indivíduos com inserção neste meio) com uma duração média entre 90-130 minutos. Foi feito o pré-teste do guião às populações-alvo (Ver Anexos E e F), que sofreu ajustamentos no seu formato: ao nível da clarificação das questões, da simplificação e da adequação da sua linguagem aos entrevistados e redução do número de questões. A realização das entrevistas decorreu entre finais de 2003 e o *terminus* do ano de 2004.

3. Questões e desafios associados ao papel de investigador no estudo de grupos minoritários migrantes e não migrantes

O desconhecimento da língua e de uma cultura com que o investigador nunca tinha até aí estado em contacto poderá erigir-se em obstáculo à apreensão fidedigna e em profundidade dos significados sócio-simbólicos das representações e das práticas, principalmente dos imigrantes provenientes da Federação Russa e da Ucrânia. Será que a distância cultural poderá traduzir-se num distanciamento e até num retraimento do observador e dos observados?

Por vezes, os obstáculos à comunicação surgiram pelo facto de não dominarmos a língua materna dos imigrantes. Ainda colocámos a hipótese de recorrer ao apoio de um tradutor, mas depois inflectimos, ponderando seriamente sobre o grau de interferência de um terceiro sujeito na situação de entrevista, decisão que foi reforçada após termos realizado algumas entrevistas em contexto prisional, com recurso à colaboração de um tradutor^{vi}. Foi notório o impacto deste terceiro elemento; as interferências foram assinaláveis na forma como construía as perguntas e as respostas, e não raras vezes emitia a sua opinião e omitia a do entrevistado ou então acrescentava algo mais, desvalorizando e secundando a opinião do interlocutor.

Relativamente ao conteúdo das questões colocadas aos imigrantes, foi notório o desconforto que manifestaram ao falar da sociedade de acolhimento, nomeadamente quando, de forma, declarada, salientaram os aspectos menos positivos e criticáveis. Tornou-se difícil incitá-los a tomar uma posição face à sociedade maioritária, porque rapidamente emergia uma opinião favorável e “politicamente correcta”.



Como bem refere P. Bourdieu et al. (1968, p. 69) na sua obra de referência *Le Métier de Sociologue*, o sociólogo deve sujeitar as perguntas que coloca aos sujeitos à interrogação sociológica, sob pena de não conseguir fazer uma análise sociológica verdadeiramente neutra das respostas que elas suscitam. Mais do que nunca, somos levados a concordar com Bourdieu ((dir.), 1993), quando diz que a situação social de entrevista implica sempre uma “violência simbólica” e algum sofrimento do entrevistado. É o entrevistador que desencadeia o jogo e institui as regras do jogo, sendo ainda quem negocia a própria entrevista. De acordo com as sugestões apresentadas em *La Misère du Monde* (Bourdieu (dir.), 1993, p. 906), tentou-se pôr em prática uma relação de escuta activa e metodológica “aussi éloignée du pur laisser-faire de l’entretien non directif que du dirigisme du questionnaire.” Os efeitos de dominação e as relações de poder estão também presentes nas situações linguísticas, assim sendo e em situação de entrevista, a interacção instaurada reflecte as relações de força linguísticas e culturais, bem como de dominação cultural. Na verdade e em situações de inquirição, o efeito legitimidade tem uma função importante ao nível da linguagem, o que faz com que “les membres des classes populaires interrogés sur leur culture tendaient consciemment ou inconsciemment, en situation d’enquête à sélectionner ce qui leur paraissait le plus conforme à l’image qu’ils avaient de la culture dominante...” (Bourdieu, 1984, p. 129).

Nesta sequência, iniciou-se a conversação com questões de fácil resposta, de modo a criar um clima propício à transição gradual para o tema central, cujas perguntas eram mais complexas e com uma carga emocional mais forte, envolvendo situações e contextos de discriminação.

As emoções mobilizadas nestes eventos discriminatórios nem sempre foram facilmente lembradas pelos entrevistados, emergindo com alguma dificuldade dos discursos, porque se trata de acontecimentos que sucederam no passado. Por vezes, não queriam verbalizar essas memórias, sobretudo aquelas que estavam associadas a eventos que tiveram um impacto traumático no sujeito.

Os imigrantes, em particular, e quando colocados perante cenários hipotéticos de discriminação, muitos rejeitaram tais hipóteses, assumindo-os como irrealistas e improváveis de acontecer. Por vezes, não respondiam ou, embora muitos o tenham feito, e ainda que as emoções estivessem implicadas nos eventos experienciados, alguns evidenciaram dificuldades em as comunicar e expressar verbalmente. Parece fazer sentido o pressuposto de que as reacções emocionais em contextos intergrupais raramente se referem a acontecimentos vivenciados pelos próprios, já que tendencialmente, os sujeitos manifestam mais o seu *Eu* social, e não tanto o seu *Eu* pessoal.

Observou-se uma espécie de atitude de acomodação, de silenciamento e até de racionalização face aos aspectos menos agradáveis da sociedade portuguesa. A incorporação desses eventos na “normalidade” do seu quotidiano leva a que os imigrantes evitem o confronto com os aspectos negativos, porque de certo modo é algo que provoca sofrimento. Por outro lado, os imigrantes entrevistados pareciam ser dotados de um elevado sentido prático e de normatividade face a tais aspectos, “pensar para quê? Vamos fazer o quê?” A vontade de integração manifestada por grande parte dos entrevistados, passa muitas vezes por uma espécie de conluio, em que se tenta que o colectivo esteja envolvido por um halo de uma certa invisibilidade, importando passar despercebido na sociedade portuguesa.

Alguns sujeitos desvalorizaram a discriminação, preferindo assumir que ela é “natural” numa economia de mercado, onde os dominantes exploram os dominados e beneficiam com essa exploração. Os sentimentos nem sempre foram verbalizados e exteriorizados: “não sei o que é sentir?” Parecem preferir o silêncio à palavra.

Apesar de expressarem que é evidente uma certa distância cultural face aos portugueses, muito raramente esta é traduzível, tendendo-se assim a desvalorizar as diferenças e a expressar os aspectos de proximidade. Por outro lado, o estatuto de não regularizado faz crescer as desconfianças e a reserva em falar de questões de ordem pessoal e problemas com grupos e extorsão.

Nos ciganos há assuntos, como por exemplo os ritos associados ao casamento segundo a tradição e alguns associados ao luto, que dificilmente, são expressos de forma não estereotipada aos não ciganos.



Também nem sempre é fácil posicionarem-se com espontaneidade face aos não ciganos (a maioria) e revelarem o que apreciam e o que não apreciam no modo de vida não cigano, até porque estas questões são colocadas por um entrevistador que é identificado como não cigano. Em outras questões, pressentimos que introduzíamos conceitos, termos e até temas não familiares à população, como por exemplo, perguntas sobre o fenómeno migratório, o que pensam dos vários grupos de imigrantes e outras minorias. Mas essa situação não foi impeditiva de que se estabelecessem momentos de comunicação e de exploração ricos em conteúdo, e marcados por uma certa abertura e empatia. Pontualmente surgiram, também, algumas desconfianças sobre a verdadeira identidade do investigador. Quando isso sucedia, a associação mais comum era a de identificar o papel do investigador ao dos técnicos da Segurança Social – “a senhora não andarás a espiar as famílias que auferem o Rendimento Mínimo Garantido?” Subsiste ainda algum receio e temor face às instituições que representam o Estado, já que esta população parece estar mais acostumada com a relação de intrusão estabelecida com os agentes do Estado e a ser interpelada pelas suas interrogações.

Para concluir, e em populações com dificuldades de comunicação (e de inserção na) com a sociedade maioritária, o papel do investigador poderá confundir-se, pois normalmente é solicitado para ajudar, ensinar, esclarecer - onde fazer a regularização e como? O que fazer para pedir a equivalência ao diploma que traz do país de origem? Como pedir à Câmara para fazer obras no alojamento ou transportar mobílias para o interior da habitação? Onde procurar trabalho? Por vezes, o seu papel assume uma faceta que ultrapassa a “ciência pura”, para passar a ter um sentido de quase missão... Contudo, este papel não é confundível com o messianismo ou com a função de profeta que por vezes é acometida ao sociólogo, pela sociedade em geral, mas também pelos *Media*. Subscrive-se a afirmação produzida por Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1968, p. 48) há cerca de 38 anos de que “tout sociologue doit combattre en lui-même le prophète social que son public lui demande d’incarner”.

BIBLIOGRAFIA

- Abric, Jean-Claude (1994), “L’étude expérimentale des représentations sociales” in Denise Jodelet (dir.), *Les représentations sociales*, Paris, PUF, pp. 187-203.
- Barrat, David & Tony Cole (1994), *Sociology Projects*, London, Routledge.
- Barth, Fredrik (ed.) (1982), *Ethnic Groups and Boundaries. The Social Organization of Culture Difference*, Bergen/Oslo, Universitetsforlaget.
- Bataille, Philippe (1999), “Racisme institutionnel, racisme culturel et discriminations” in Philippe Dewitte (dir.), *Immigration et Intégration*, Paris, La Découverte, pp. 285-293.
- Berthier, Nicole (1998), *Les techniques d’enquête en Sciences Sociales*, Paris, Armand Colin.
- Björklund, Ulf (1987), “Ethnicité et Etat-providence”, in *Revue Internationale des Sciences Sociales*, 111, pp. 21-31.
- Bochaca, Jordi Garreta (2003), *La Integración Sociocultural de las Minorías Étnicas (Gitanos e Inmigrantes)*, Barcelona, Anthropos.
- Bourdieu, Pierre, Jean-Claude Chamboredon et Jean-Claude Passeron (1968), *Le Métier de Sociologue*, Paris, Mouton.
- Bourdieu, Pierre (1972), *Esquisse d’une théorie de la pratique*, Paris, Droz.
- Bourdieu, Pierre (1984), *Questions de Sociologie*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, Pierre et al. (dir.) (1993), *La misère du Monde*, Paris, Éd. du Seuil.
- Bourdieu, Pierre (1997), *Razões práticas: sobre a teoria da acção social*, Oeiras, Celta Editora.
- Bourdieu, Pierre (1998a), *La distinción. Criterio y bases sociales del gusto*, Madrid, Taurus.



- Bourdieu, Pierre (1998b), *Meditações Pascalianas*, Oeiras, Celta Editora.
- Bracinha Vieira, A. (1995), "Racismo e teoria", in *Ethnologia*, n.s., 3-4, Ed. Cosmos, pp. 23-38.
- Bravo, R. Sierra (1995), *Técnicas de investigación social. Teoría y ejercicios*, Madrid, Editorial Paraninfo.
- Canotilho, Joaquim Gomes (coord.) (2000), *Direitos humanos, estrangeiros, comunidades migrantes e minorias*, Oeiras, Celta Editora.
- Capucha, Luis Manuel (coord.) (1998), *Rendimento mínimo garantido: avaliação da fase experimental*, Lisboa, Ed. CIES e Ministério do Trabalho e da Solidariedade.
- Castles, Stephen (2000), *Ethnicity and Globalization*, London, Sage Publications Ltd.
- Champagne, Patrick et al. (1990), *Initiation à la Pratique Sociologique*, Paris, Dunod.
- Coelho, Adolfo (1995) [1892], *Os ciganos de Portugal*, Lisboa, Dom Quixote.
- COLECTIVO IOÉ (1987), *Curso de formación sobre metodología qualitativa de investigación (la tecnica del grupo de discusión)*, Ed. Colectivo IOÉ, Las Palmas.
- Cortesão, Luísa et al., (2005), *Pontes para outras viagens – escola e comunidade cigana: representações recíprocas*, Lisboa, Ed. ACIME.
- Costa, António Firmino da (1992), *O que é Sociologia*, Lisboa, Ed. Difusão Cultural.
- Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Ed.
- Costa, Eduardo Maia (1995), "Os ciganos em Portugal: breve história de uma exclusão" in Luísa Cortesão, e Fátima Pinto, (orgs.), *O povo cigano: cidadãos na sombra*, Porto, Ed. Afrontamento, pp. 13-20.
- Del Rincón Igea, Delio et al. (1995), *Técnicas de investigación en ciencias sociales*, Madrid, Dykinson.
- Denzin, Norman K. and Yvonna S. Lincoln (eds.) (1994), *Handbook of Qualitative Research*, London, Sage Publications.
- Deschamps J. C. et al. (1986), *Psicologia Geral Experimental*, Lisboa, Moraes Ed..
- Devos, Thierry et al., (2002) "Experiencing intergroup emotions", in Mackie & Smith (eds.), *From Prejudice to Intergroup Emotions: Differentiated Reactions to Social Groups*, New York and Hove, Psychology Press, pp. 111-314.
- Esteves, António e José Azevedo (eds.) (s.d.), *Metodologias Qualitativas para as Ciências Sociais*, Porto, Instituto de Sociologia, Faculdade de Letras do Porto.
- Esteves, Maria do Céu et al., (1991), *Portugal, país de imigração*, Lisboa, IED.
- Fonseca, Ernesto Paulo et al. (2005), *Representações Sociais das Comunidades Cigana e Não Cigana: implicações para a integração social*, Lisboa, ACIME.
- Fraser, A. (1995), *The Gypsies*, Oxford, Blackwell.
- Freitas, Maria João, e Paula Castro (1992), *Contributos para o Estudo de Grupos Étnicos Residentes na Cidade de Lisboa*, Lisboa, Ed. LNEC/ GES.
- Ghiglione, Rodolphe e Benjamin Matalon (1992), *O inquérito: teoria e prática*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, A. (1984), *Capitalismo e Moderna Teoria Social*, Lisboa, Editorial Presença.
- Giddens, A. (1994), *Modernidade e identidade social*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, A. (1997), *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.



- Giménez, Ana (1994) "Extrajeros en su propia tierra: los gitanos" in Virus (ed.), *Extranjeros en el paraíso*, Barcelona, Edicions Lletra SCCL, pp. 123-130.
- Goffman, Erving (1988) [1963], *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade manipulada*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara.
- Goffman, Erving (1993) [1951], *A apresentação do Eu na vida de todos os dias*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Goleman, Daniel (1999), *Inteligência Emocional*, Lisboa, Temas e Debates – Atividades Editoriais Lda.
- Grupo PASS (s.d.), *La comunidade gitana del Gran Bilbao*, Ed. Secretariado General Gitano, sem mais referências.
- Guéguen, Nicolas (1999), *Manual de estatística para psicólogos*, Lisboa, Climepsi Editores.
- Guillaumin, Colette (1993), "La «différence culturelle» " in Wieviorka, Michel (dir.), *Racisme et Modernité*, Paris, Éditions La Découverte, pp. 149-151.
- Guy, Will (1998), "Ways of Looking at Roma: The Case of Czechoslovakia (1975), in Diane Tong (ed.), *Gypsies: An Interdisciplinary Reading*, New York, Garland Publishing, Inc., pp. 13-68.
- Guy, Will (ed.) (2001), *Between past and future: the Roma of Central and Eastern Europe*, Hertfordshire, University of Hertfordshire Press.
- Heckmann, F. (1983), "Towards the development of a typology of minorities", in C. Fried (ed.), *Minorities: Community and Identity*, Berlin e Heidelberg, Springer-Verlag, pp. 9-23.
- Heredia, Juan de Dios Ramirez (1974), *Nós os Ciganos*, Braga, Ed. Franciscana.
- Hill, Manuela Magalhães e Andrew Hill (2000), *Investigação por questionário*, Lisboa, Edições Sílabo.
- Jodelet, Denise (1994), "Représentations sociales: un domain en expansion, in Jodelet, Denise (dir.), *Les représentations sociales*, Paris, PUF, pp. 32-61.
- Jouët, Josiane et Dominique Pasquier (2001), *Resèaux*, 107, pp. 9-15.
- Liégeois, Jean-Pierre (1987), *A escolarização das crianças ciganas e viajantes - Relatório da Comissão das Comunidades Europeias*, Luxemburgo, Ed. C.E.E..
- Liégeois, Jean-Pierre (1989), *Ciganos e itinerantes*, Lisboa, Ed. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- Lipiansky, E.M., et al. (1997), "Introduction à la problematique de l'identité", in Carmel Camilleri et al., *Stratégies identitaires*, Paris, PUF, pp. 7-26.
- Lopez, Maria Luísa e Gonzalo Pato Fresnillo (1995), *Margem y periferia: representaciones ideológicas en los conflictos urbanos entre payos y gitanos*, Madrid, Asociación Secretariado General Gitano.
- Lucassen, L., et al. (2001), *Gypsies and Olther Itinerant Groups. A Socio-Historical Approach*, Great Britain, Palgrave.
- Machado, Fernando Luís (1991), *Etnicidade em Portugal. Aproximação ao caso guineense*, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Lisboa, ISCTE, Policopiado.
- Machado, Fernando Luís (1999b), *Contrastes e continuidades. Migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal*, Tese de doutoramento em Sociologia, Lisboa, ISCTE.
- Machado, Fernando Luís (2000), "Os novos nomes do racismo: especificação ou inflação conceptual?", in *Sociologia Problemas e Práticas*, 33, pp. 9-44.
- Machado, Paulo (1990), "Análise socioecológica de comunidades urbanas de habitação degradada" in *Actas do Colóquio Viver n(a) Cidade*, Lisboa, Grupo de Ecologia Social do Laboratório Nacional de Engenharia Civil/Centro de Estudos Territoriais do ISCTE, pp.139-151.



- Malheiros, J. M. et. al. (2005), *Espaços e expressões de conflito e tensão entre autóctones, minorias migrantes e não migrantes na AML*, Relatório Final, Lisboa, ACIME/FCT.
- Mauss, Marcel (1966) [1950], *Sociologie et Anthropologie*, 3^{ème} éd. augmentée, Paris, PUF, pp. 333-386.
- Mead, George (1967) [1931], *Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Memmi, Albert (1993), *O Racismo*, Lisboa, Ed. Caminho.
- Moreira, Carlos Diogo (1994), *Planeamento e estratégias da investigação social*, Lisboa, ISCSP - Universidade Técnica de Lisboa.
- Moscovici, Serge (1988), "Notes towards a description of social representations", in *European Journal of Social Psychology*, Vol. 13, pp. 211-250.
- Nunes, Olímpio (1980), *O povo cigano*, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa.
- Pettigrew, Thomas F. et R. W. Meertens (1993), "Le racisme voilé: dimensions et mesure", in Michel Wieviorka (dir.), *Racisme et Modernité*, Paris, Ed. La Découverte, pp. 109-126.
- Philippe-Leyens, J.- et al. (2002), "Expressing emotions and decoding them, ingroups and outgroups do not share the same advantages", in Mackie, M. Diane & Eliot R. Smith (eds.), *From Prejudice to Intergroup Emotions: Differentiated Reactions to Social Groups*, New York and Hove, Psychology Press, pp. 135-151.
- Pinto, Fátima (2000), *A Cigarra e a Formiga: contributos para a reflexão sobre o entrosamento da minoria étnica cigana na sociedade portuguesa*, Porto, REAPN.
- Pinto, José Madureira (1991), "Considerações sobre a produção social de identidade", in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 32, pp. 217-231.
- Pires, Rui Pena (2002), "Mudanças na imigração: uma análise das estatísticas sobre a população estrangeira em Portugal, 1998-2001", in *Sociologia Problemas e Práticas*, 39, pp. 151-166.
- Poutignat, Philippe et Streiff-Fenart, Jocelyne (1995), *Théories de l'ethnicité*, Paris, PUF.
- Presencia Gitana (1990), *Mujeres Gitanas ante el futuro*, Madrid, Editorial Presencia Gitana.
- Procter, Michael (1995), "Measuring attitudes" in Nigel Gilbert (ed.), *Researching social life*, London, Sage Publications, pp. 116-134.
- Ritchie, J. and J. Lewis, (eds.) (2004), *Qualitative research practice*, Thousand Oaks, Sage Publications.
- Saint-Maurice, Ana de (1994), *Reconstrução das identidades no processo de emigração: a população caboverdiana residente em Portugal* (Dissertação de Doutoramento), Lisboa, ISCTE.
- Santamaría, Enrique (2002), *La incógnita del extraño: Una aproximación a la significación sociológica de la «inmigración no comunitaria»*, Barcelona, Anthropos Editorial.
- Silva, M. Carlos e Susana Silva (2002), "Práticas e Representações Sociais face aos Ciganos", in *Antropológicas*, 6, pp. 57-86.
- Simmel, G. (1986) [1908], "Digresión sobre el extranjero", in *Sociología 2*, Madrid, Alianza Ed..
- Simmel, G. (1989), "O cruzamento de círculos sociais", in M. Braga da Cruz (org.), *Teorias Sociológicas*, Vol. I, Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Simmel, G. (2004), *Fidelidade e gratidão e outros textos*, Lisboa, Relógio D'Água Editores.
- Simões, Mário Pinto (1985), *O Emigrante Português – processos de adaptação (o exemplo da Suíça)*, Lisboa, Secretaria de Estado da Emigração, Centro de Estudos.



- Snape and Spencer (2004), "The Foundations of Qualitative Research" in Ritchie, J. and J. Lewis, (eds.) *Qualitative research practice*, Thousand Oaks, Sage Publications, pp. 1-23.
- SOPEMI (2001), *Tendances des Migrations Internationales*, Rapport Annuel, Paris, OCDE.
- Silverman, Carol (1991), "Strategies of ethnic adaptation: the case of Gypsies in the United Nations" in S. Stern, & John A. Cicala (eds.), *Creative ethnicity. Symbols and strategies of contemporary ethnic life*, Utah, Utah State University Press, pp. 107-119.
- Stewart, M., (1997), *The Time of the Gypsies*, USA, Westview Press.
- Stewart, M., (1999), "'Brothers' and 'Orphans': Images of Equality among Hungarian Rom" in Day, Sophie et al. (ed.), *Lilies in the Field: marginal people who live for the moment*, USA and UK, Westview Press, pp. 27-44.
- Strauss, A. & J. Corbin (1990), *Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques*, USA, Sage Publications.
- Sutherland, Anne (1986 [1975]), *Gypsies: the hidden Americans*, USA, Waveland Press, Inc.
- Tabloni, Simonetta (2001), "Il n'y a pas de déference sans inégalité", in Wieviorka et Ohana (dir.), *La Différence Culturelle. Une reformulation des débats*, Paris, Éditions Balland, p. 73- 84.
- Taguieff, P.-A. (1987), *La force du préjugé. Essai sur le racisme et ses doubles*, Paris, Éd. La Découverte.
- Taguieff, P.-A. (dir.) (1991), *Face au racisme*. Tome II, Paris, Éd. La Découverte.
- Tajfel, Henri (1983), *Grupos humanos e categorias sociais - II*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Tebbut, Susan (ed.) (1998), *Sinti and Roma: gypsies in german-speaking society and literature*, Oxford e New York, Berghahn Books.
- Vala, Jorge (1986), "Sobre as representações sociais - para uma epistemologia do senso comum", in *Cadernos de Ciências Sociais*, 4, 1986, pp. 5-29.
- Vala, Jorge (2004), "Percepção de ameaça e oposição à imigração", *Seminário de apresentação dos resultados do ESS*, pp. 1-16.
- Vala, Jorge (org.) (1999), *Novos Racismos: Perspectivas Comparativas*, Oeiras, Celta Ed.
- Vala, Jorge et al. (1999), *Expressões dos Racismos em Portugal*, Lisboa, Ed. do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Van der Pennen, Ton, et al. (1999), "Living on the margins of society: Ethnic minorities in the Netherlands", in Abdul Khakee et al. (eds.), *Urban renewal, ethnicity and social exclusion in Europe*, England and USA, Ashgate Publishing Ltd, pp. 38-69.
- Van Dijk, Teun A. (1997), *Racismo y análise crítico de los medios*, Barcelona, Paidós.
- Vergès, Pierre (2001), "L'analyse des représentations sociales par questionnaires", in *Révue Française de Sociologie*, 42-3, pp. 537-61.
- Wieviorka, Michel (1991), *L'espace du racisme*, Paris, Éd. du Seuil.
- Wieviorka, Michel (1995), *A Democracia à Prova. Nacionalismo, Populismo e Etnicidade*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Wieviorka, Michel et al. (1992), *La France Raciste*, Paris, Éd. du Seuil.

ⁱ Santamaría (2000, p. 54) fala da aplicação do termo estrangeiro aos imigrantes, mas também aos ciganos, salientando que: “encontramos diferentes adscripciones e identificaciones que, ya sean locales, nacionales, étnicas (...) producen sus extranjeros en el sentido sociológico del término. Entre estos “extranjeros” que podemos denominar “interiores”, se podrían incluir entre otros, a esse paradigma de la extranjería interior que son los “gitanos”...”

ⁱⁱ Uma das propriedades do campo, tal como é formulado por P. Bourdieu (1984, p. 113) em *Questions de Sociologie* é permitir a apreensão sincrónica, já que o campo é concebido enquanto um conjunto de espaços estruturados de posições em que as propriedades dependem da posição do agente nos espaços e que podem ser analisados independentemente das características dos seus ocupantes.

ⁱⁱⁱ A triangulação “involves the use of different methods and sources to check the integrity of, or extend, inferences drawn from the data. It has been widely adopted as a concept by qualitative researchers as a means of investigating the ‘convergence’ of both the data and the conclusions derived from them (Denzin, 1994). It is also often cited as one of the central ways of ‘validating’ qualitative research evidence” in Ritchie and Lewis, 2004, p. 42.

^{iv} É geralmente construída de forma indutiva com base no fenómeno que é alvo de estudo. Ou seja, “it is discovered, developed, and provisionally verified by systematic data collection and analysis of data pertaining to that phenomenon. Therefore, data collection, analysis, and theory stand in reciprocal relationship with each other. One does not begin with a theory, then prove it. Rather, one begins with an area of study and what is relevant to that area is allowed to emerge.” (Strauss & Corbin, 1990, p. 23).

^v Contactámos a Direcção Geral dos Serviços Prisionais, que está na dependência do Ministério da Justiça e solicitámos autorização para fazer algumas entrevistas a detidos nacionais da Rússia e da Ucrânia e a ciganos de nacionalidade portuguesa. Foi-nos concedida autorização para realizar entrevistas em 3 estabelecimentos prisionais (EP's) da AML. Contudo, não foi autorizada pelos serviços a gravação das entrevistas; optou-se, então, por registar manualmente as respostas obtidas a partir das 15 entrevistas realizadas (5 entrevistas decorreram no EP do Linhó, 6 no EP de Caxias e 4 no EP de Tires).

^{vi} Uma das situações que condicionou a opção tomada prendeu-se com um evento que ocorreu no EP de Caxias em que, no decurso de uma das entrevistas, o entrevistado e o tradutor se desentenderam e começaram a discutir. O entrevistado, apesar de dominar muito mal a língua portuguesa, explicou-nos que o tradutor não estava a fazer uma tradução rigorosa e fiel, enquanto que o tradutor alegava a desconfiança do entrevistado face ao conteúdo da tradução, dizendo ainda que ele estava a pôr em causa o trabalho dele. Dadas as desconfianças e conflitualidades que poderiam advir com a presença de um terceiro elemento, decidimos avançar sem tradutor. Durante 8 meses aprendemos russo, no entanto, verificámos que precisaríamos de pelo menos 3 anos para atingir um nível de conhecimentos que nos permitisse manter uma conversa relativamente longa e aprofundada com os sujeitos. Em momentos mais críticos e difíceis, esses conhecimentos básicos ajudaram-nos a perceber algumas palavras e expressões e até a ganhar alguma empatia junto dos interlocutores. As dificuldades não foram de monta, até porque entrevistámos indivíduos que estavam em Portugal há 8 e mais meses, que na sua maioria dispunha já de um razoável domínio de português, pelo menos ao nível da compreensão. Todavia encontrámos alguns, mas raros casos, em que o diálogo foi mais prolongado e difícil, permitindo, no entanto, a viabilização da entrevista.